

O momento do seriado agora é de dar início ao embate principal dentro do silo que trata a curiosidade como problema. “É sobre acreditar em si mesmo, porque é muito fácil acreditar em uma história que nos foi dada. A religião faz isso com a gente. A primeira temporada aponta: isso é errado, isso é certo, e esse é o jeito de viver a sua vida’. Está na hora de perguntar: ‘Isso é errado? Isso é certo? Esse é o jeito de eu viver minha vida?’”, analisa Clare Perkins, responsável por dar vida a Carla, personagem que tem pouquíssimo tempo de tela na primeira temporada, mas que ganha importância na segunda.

Ordem e revolução

Desde o primeiro capítulo, apresentado esta semana, a série tem dois temas principais no núcleo do *Silo 18*: ordem e revolução. Assim como qualquer pirâmide social, quem está em cima no bunker subterrâneo é privilegiado, e quem está embaixo trabalha para tudo funcionar. Enquanto as pessoas do topo discutem relíquias do mundo pré-silo, as de baixo se preocupam em como manter o gerador funcionando para que haja vida nos mais de 140 andares ligados por escadas.

Bernard Holland e Robert Sims, interpretados, respectivamente, pelos vencedores do Oscar Tim Robbins e Common, representam a parte alta da casta. Enquanto Bernard precisa manter as 10 mil pessoas que vivem no silo vivas, e a estrutura operante, Sims é fiel a todo o sistema que foi criado. Ambos têm em comum o fato de que fariam tudo pelo silo. Na outra ponta estão personagens como Shirley e Knox, vividos por Remmie Milner e Shane McRae, que dão a vida pelo silo de forma física. Porém, estão cansados de viver sem respostas para as perguntas básicas da vida. Afinal de contas, não é claro o motivo de estarem ali, nem por que fazem o que fazem.

“Uma das lições que a gente aprende com *Silo* é que tanto a ordem quanto a revolução têm consequências. Não é necessariamente um ou outro”, acredita Shane McRae. “Os personagens estão em um meio em que se vive a ordem, acredita na revolução e, ao mesmo tempo, é humano e, às vezes, não sabe exatamente o que fazer”, acrescenta o artista.

No entanto, as concepções pessoais de ordem e revolução pessoais dos atores convergem fora das telas. “Eu entendo ordem da melhor forma, da forma mais divina. Para mim, há paz na ordem, mas essa paz não significa que não haja estresse ou problemas. Ordem é uma paz que vem de um método universal de lidar com os desafios, o caos e os desentendimentos”, explica Common, que enxerga a revolução de dentro para fora. “É uma mudança



Steve Zahn apresenta Solo, novo personagem



Shane McRae ganha mais protagonismo na segunda temporada



Common vive um Robert Sims menos poderoso



Clare Perkins é crucial na temporada

que ocorre e você precisa decidir quem você é e quais são seus propósitos. Parar de buscar qualquer coisa e se entregar com todo o coração. A revolução se espalha porque a pessoa se torna um exemplo para os outros quando atinge o auge”, pontua o ator, que também é rapper.

Distópico e real

A série é um sucesso porque esses temas levantados têm um caráter que dialoga muito com a realidade. “Os paralelos da série com o mundo em que vivemos são muito relevantes”, diz Remmie Milner que entende os paradoxos como fragmentos de realidade. “É uma série que fala de individualismo e, ao mesmo tempo, sobre saber que faz parte de uma comunidade. Pessoas tendo voz e se sentindo presas em uma ordem que pode se tornar uma ditadura”, reflete.

Dessa forma, há uma mensagem relevante mascarada dentro de metáforas. “Há algo confortável de entender o mundo por meio das alegorias. O ser humano faz isso há séculos, e funciona para a nossa mente compreender”, explica Harriet Walter, responsável por interpretar Walker, uma das personagens-chave para o desenrolar da segunda temporada. “*Silo* apresenta analogias muito claras, que temos certeza que todo o público consegue ver. É uma versão simples do nosso mundo, que é mais complexo e desordenado”, diz Harriet.

A artista vê que a série dá ao público uma demanda urgente. “O que todos queremos é simplificar o mundo como ele é. Não é como se quiséssemos ser reducionistas, mas querendo ver o essencial. O que está realmente acontecendo, quem verdadeiramente tem o poder, como conseguiram isso e o que querem. Isso que a gente quer saber.

Contudo, a mensagem que a série deixa é o que o público realmente precisa em tempos tão tensos. “Nós somos levados a brigar uns com os outros, porque enquanto fazemos isso não identificamos o verdadeiro inimigo”, afirma Tim Robbins. “Eu sinto que agressão, guerra e violência são um ciclo. Se você é dominante agora, pode ser que depois outras pessoas se tornem dominantes. Sempre vai existir vingança, não importa se vai demorar 5 ou 50 anos, sempre terá uma retaliação para um ato violento”, adiciona Harriet Walter.

Para os dois atores, existe uma forma de agir em comunidade. “Não sei como parar esse ciclo, mas a única esperança é acabar com ele. Precisamos baixar as armas e trabalhar em algo conjunto. Parece loucura, mas não é mais estúpido do que o que estão fazendo”, comenta Harriet. “A verdadeira revolução está em encontrar algo em comum com os outros, mesmo que sejamos ensinados a ser opositores”, completa Tim.